

# Introdução

Há tempos que acalentava o projecto de escrever um livro sobre sociologia da vida quotidiana, mas o projecto foi sendo sucessivamente adiado, sabido que o mal de adiar projectos é que passamos a vida a refazê-los. Até que alguns alunos e colegas me persuadiram a não adiar mais o projecto, já que a sua viabilidade estava assegurada: bastava recuperar alguns textos que sobre o tema publicara ao largo da última vintena de anos. Textos que me proporcionaram um conjunto de direcções – mais do que de directrizes – sobre muitos outros trabalhos que vim a publicar,<sup>1</sup> tomando o quotidiano como alavanca metodológica do conhecimento. Depois de alguma hesitação inicial, e revolvido o meu velho baú de rascunhos e escritos inéditos, acabei por embarcar na ideia.

Aliás, a ideia comum na feitura de um livro – mas também poderia ser na construção de um painel de azulejos – consiste no ajuntamento de ensaios e fragmentos separados, abordando um mesmo tópico com aproximações ou interpretações diferenciadas. Ora, se o objecto da sociologia da vida quotidiana não corresponde a um conceito isomorfo de vida quotidiana mas a um objecto fragmentado e híbrido, escrever sobre vida quotidiana só pode resultar numa mostragem-mosaico cuja forma expositiva metacomunica com a complexidade do que se pretende representar. Dito isto, e mais ou menos convencido sobre o dito, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que me convenceram a editar o livro, vencendo minhas resistências iniciais. Em particular, agradeço à professora Leila Blass, da Faculdade e do Programa de Ciências Sociais da Pon-

---

<sup>1</sup> Nomeadamente: *A Prostituição e a Lisboa Boémia do Séc. XIX aos Inícios do Séc. XX*, Lisboa, Editorial Quercus, 1985; *Artes de Amar da Burguesia. A Imagem da Mulher e os Rituais de Galanteria nos Meios Burgueses do Séc. XIX em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, colecção «Ensaios e Aproximações», 1986; *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993; *Sousa Martins e Suas Memórias Sociais. Sociologia de Uma Crença Popular*, Lisboa, Gradiva, 1994; *Traços e Risco de Vida. Uma Aproximação Qualitativa a Modos de Vida Juvenis* (em colaboração), Porto, Ambar, 1999; *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto, Ambar, 2001.

tífica Universidade Católica de São Paulo, e à professora Márcia Chaves, da Universidade Federal de Alagoas, os constantes incentivos à publicação do livro<sup>2</sup> que, em Portugal, teve o bom acolhimento do Doutor António Barreto, responsável da *Imprensa de Ciências Sociais*. Agradecimentos são também devidos às direcções das revistas que acederam à reedição, neste livro, de alguns artigos nelas publicados em primeira mão.<sup>3</sup>

Em relação aos meus alunos do ISCTE a dívida é enorme pelo muito que com eles tenho aprendido e pelos desafios que permanentemente me colocam, criando-me motivação para os motivar, em cada novo ano lectivo. A própria sala de aula é transformada num laboratório de vivências e descobertas quotidianas movidas pela nossa curiosidade sociológica. Por exemplo, na aula de apresentação costumo percorrer as listas de inscritos questionando os nomes que aparecem. O nome é uma denominação distintiva pela qual se conhece uma pessoa. Um nome pode revelar muita coisa, tanto de quem o atribui como de quem o porta. De que maneira as pessoas reagem à tentativa de fixarem a sua identidade por antecipação, através de um nome? Que sentimentos de indiferença, rejeição ou aceitação desenvolvem em relação ao nome que têm?

Quando me apresto para dar a primeira aula de um novo curso de sociologia da vida quotidiana, costumo ensaiar outra prática. Na presunção de que os alunos não me conhecem pessoalmente – apenas alguns, vagamente, ouviram falar do meu nome –, entro na sala de aula e, em vez de me dirigir para a secretária que se destina ao professor, sento-me junto

---

<sup>2</sup> Não esqueço também os convites encorajadores que me foram dirigidos para dar cursos e conferências em torno da sociologia do quotidiano em várias universidades brasileiras: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais).

<sup>3</sup> Na *Análise Social*: «Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana», vol. XXII, n.º 90, 1986, pp. 7-57; «Fontes documentais em sociologia da vida quotidiana», vol. XX, n.º 83, 1984, pp. 507-519; «De Espanha nem bom vento, nem bom casamento: sobre o enigma sociológico de um provérbio português», vol. XXI, n.º 86, 1985, pp. 229-243; na *Revista Crítica de Ciências Sociais*: «Nas rotas do quotidiano», 37, Junho de 1993, pp. 105-115; «Questionando culturas e identidades, utopias e fatalidades», 2002, 63, Setembro de 2002; em *Ler História*: «O enigma do «fado» e a identidade luso-afro-brasileira», 34, 1998, pp. 33-61; na *Margem*: «Viajando o Cotidiano e seus enigmas», revista da Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n.º 12, Dezembro de 2000, pp. 185-201. Agradecimentos são também devidos à Editora Fragmentos, que publicou, originariamente, «A contextualização sociológica pela via do quotidiano», in *Actas do II Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, Fragmentos, II vol., 1993, pp. 519-531.

deles. Depois pergunto aos mais próximos o que estão ali a fazer, o que se vai passar; e quando me respondem que estão à espera da primeira aula de sociologia da vida quotidiana questiono-os sobre que sociologia é essa, quem é o «prof.» que vamos ter de aturar, etc. Ficam baralhados. Alguns tomam-me como colega, outros como intruso, os restantes desconfiam de que estou a representar. A situação torna-se insólita e desconcertante porque projecto definições incompatíveis de «mim mesmo» ante as expectativas dos presentes. Depois confesso-lhes que a representação criada cumpre apenas um objectivo pedagógico: o de lhes mostrar que a vida quotidiana está cheia de situações insólitas e desconcertantes e que essas situações, da simples ordem da interacção social, podem ser estudadas pela sociologia. Um bom pretexto, afinal, para começarmos a falar de Goffman e da ênfase que este sociólogo deu ao estudo dos «encontros sociais».

A última encenação deste tipo ocorreu num curso de pós-graduação do ICS. Estávamos em plena semana de Carnaval<sup>4</sup> e decidi aparecer na sala de aula com uma máscara colada à cara. Nestas coisas do ensino sempre achei que valem mais as pedagogias instigantes do que as pompas disparatadas de fuga ao aparente ridículo. A minha máscara tomou lugar entre os assistentes. É claro que o *marco*<sup>5</sup> da aula foi alterado. Para quebrar o gelo socorri-me do que Goffman<sup>6</sup> designou de «recursos seguros» (*safe supplies*), isto é, banalidades de uso frequente, expedientes de subsistência para assegurar a conversação, frases feitas que se dizem quando nada se tem para dizer.<sup>7</sup>

- *Está calor nesta sala! O ar condicionado está a funcionar?*
- *Aula à segunda-feira, que aborrecimento!*
- *Quem é a estrela que hoje nos vem dar aula?*

Começamos então a fabricar uma «ordem negociada». Ao companheiro do lado pergunto: «*Tem horas?*» – a resposta é denunciadora de

---

<sup>4</sup> Foi numa aula de *Teorias Sociológicas*, sobre Goffman, a convite do meu colega José Sobral, a 4 de Fevereiro de 2002.

<sup>5</sup> Como nos ensinou Goffman, um *marco* é um dispositivo cognitivo e prático de atribuição de sentidos que rege a interpretação de uma situação (cf. Erving Goffman, *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*, Nova Iorque, Harper and Row, 1974).

<sup>6</sup> Erving Goffman, *Interaction Ritual. Essays on Face to Face Behavior*, Nova Iorque, Doubleday Anchor, 1967.

<sup>7</sup> São estas convenções, em matéria de conversação quotidiana, que Garfinkel trabalha para desenvolver a sua *etnometodologia* (v. Harold Garfinkel, *Studies in Ethnomethodology*, Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1976).

uma atitude de cooperação, pois de imediato me dá as horas sem as ter pedido. No entanto, há claros indícios de que o quadro da interacção se encontra perturbado, disso sendo prova os disfarçados risos e os inconscientes cochichos que rebulicam a sala de aula. Quando a ordem social da interacção é quebrada, podem surgir reacções de *evitamento* – dois alunos abandonaram abruptamente a sala, vindo depois a saber que se dirigiram à biblioteca, espalhando a intriga da estranha invasão do mascarado –, mas também de *indulgência*, podendo ocorrer que esta seja usada oportunisticamente para manipular o intruso, quando, por exemplo, decidiram dialogar comigo, pondo-me à prova.

Mas aí desmascaro-me e lá temos um pretexto para discutir a dramaturgia da vida quotidiana. Um conceito fundamental que atravessa grande parte da obra de Goffman é o carácter ritual e teatralizado das interacções «cara a cara». O argumento de fundo consiste em sustentar que o «eu social» é *actuado* como numa obra de teatro, *manipulado* como num jogo estratégico, tendo como pano de fundo uma situação concreta de interacção. Quando surgem situações desconcertantes, os participantes na interacção providenciam os concertos possíveis do que aparece como desconcertante. Sacks, discípulo de Goffman, desenvolve, a propósito, uma teoria imaginativa sobre a «máquina de fazer inferências»,<sup>8</sup> destinada a descobrir como é que as pessoas realizam uma boa parte da sua acção comunicativa de maneira indirecta, através de inferências que se apoiam na identidade dos participantes em interacção.<sup>9</sup> Aproveito para questionar os meus alunos sobre as inferências que fizeram sobre o meu comportamento insólito e damo-nos conta de que as inferências não são convergentes, o que nos leva a reflectir sobre as «disjunções da realidade», retomando as teses de Melvin Pollner e Alfred Schutz.<sup>10</sup>

Eis-nos num dos terrenos da sociologia da vida quotidiana por onde frutifica a teoria da acção. Para além das entidades tradicionalmente constitutivas da sociologia – quer os colectivos sociais (grupos, classes, populações), quer os indivíduos (actores, agentes, sujeitos) –, a sociologia da vida quotidiana introduz um novo objecto de estudo: o das *situações de interacção*. Os instrumentos analíticos que são usados por esta sociologia

---

<sup>8</sup> H. Sacks, *Lectures on Conversation*, Oxford, Blackwell, vol. 1, 1992.

<sup>9</sup> I. Hutchby e R. Wooffitt, *Conversation Analysis*, Cambridge, Polity, 1998.

<sup>10</sup> O conceito de «disjunções da realidade» foi desenvolvido pelo etnometodólogo Melvin Pollner, nomeadamente em *Mundane Reason: Reality in Everyday and Sociological Discourse*, Cambridge, Cambridge University Press, 1987. O conceito em questão é notoriamente influenciado pelo conceito de «realidades múltiplas» de Alfred Schutz.

(o enfoque dramatúrgico ou a análise da conversação) enquadram-se num paradigma sociológico que podemos denominar de «situacionismo metodológico»<sup>11</sup> para o distinguirmos de outros paradigmas dominantes das ciências sociais, como sejam o «holismo» (*estruturalismo, materialismo histórico*) ou o «individualismo metodológico».

Levanto-me abruptamente da minha secretária e dirijo-me a um aluno, estendo-lhe a mão para o cumprimentar. Depois faço o mesmo com um outro, e outro mais. Vejo algumas caras ruborizadas, sorrisos de embaraço forçados ou contidos, sinais visíveis de nova interacção perturbada. No entanto, todos correspondem ao meu cumprimento. Interrogo-os porquê. Se vamos pela rua e algum desconhecido estende a mão para nos cumprimentar, a nossa tendência é a de correspondermos ao cumprimento para evitarmos fazer figura de mal-educados. Mas por que estendemos a mão direita e não a esquerda? E por que oscilamos as mãos no sentido vertical e não no horizontal?<sup>12</sup> São questionamentos desta ordem que o *situacionismo metodológico* formula forçando-nos a explorar as nossas convicções mínimas. Por que se deve dizer «bom dia» quando nos cruzamos com alguém conhecido? E por que é que sempre lhe perguntamos «como está» se ele nos responde com um evasivo «e você?» Por que dizemos «adeus» quando nos despedimos? Por que deixamos passar uma senhora idosa à frente, dando-lhe de preferência a direita? Em que contexto social podemos ou não tomar este ou aqueloutro comportamento? São os comportamentos constitutivamente separáveis dos contextos de interacção em que se produzem?

---

<sup>11</sup> Isaac Joseph, *Erving Goffman et la microsociologie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1998.

<sup>12</sup> No cumprimento do meu serviço militar obrigatório, na Força Aérea portuguesa, fiquei bastante intrigado com o ritual da «continência» que obriga um graduado inferior a «bater a pala» a um graduado superior. Sempre me dirigi aos meus oficiais superiores (eu era um mero aspirante a oficial) com cortesia, saudando-os amavelmente, mas um deles chamou-me a atenção para a necessidade de cumprir o ritual, sob pena de incorrer numa infracção disciplinar. Vim mais tarde a descobrir que o ritual poderá ter três tipos de explicação: a primeira remonta ao Império Romano, quando o receio dos assassinatos traiçoeiros entre chefias militares instituiu o hábito (supostamente tranquilizador) de se levantar a mão para a todos mostrar que ela não escondia qualquer punhal ameaçador. A segunda explicação remonta ao período medieval, quando as viseiras dos cavaleiros impediam o reconhecimento mútuo; então, sempre que dois cavaleiros se cruzavam, erguiam as viseiras para se reconhecerem, tendo desse gesto mecânico surgido a continência militar. A terceira explicação toma um episódio de condecoração de um batalhão de soldados ingleses. Quando a rainha Isabel se aprestava para os condecorar, o comandante do pelotão ordenou aos súbditos que colocassem a mão à frente dos olhos para que não se deixassem encandear pela beleza da rainha.

O que pretendo sublinhar é que este livro é também produto de uma pedagogia interactiva que tenho mantido com os meus alunos e à qual se pode aplicar a máxima de Paulo Freire: «Quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.»<sup>13</sup> Em conjunto, procuramos desenvolver capacidades que nos permitam um surpreendimento com a realidade para que melhor a possamos problematizar. O ponto de partida é a interrogação sociológica, olhando o quotidiano que nos rodeia e todos os seus enigmas. Como tal, por ser questionado, o objecto da sociologia da vida quotidiana acaba necessariamente por ser um fascinante processo de construção.

Este livro centra-se no debate de uma perspectiva metodológica que toma o *quotidiano* como alavanca do conhecimento. Quais as melhores estratégias de pesquisa para alcançar um tal objectivo? Que razões explicam o deslocamento da atenção sociológica dos grandes dispositivos e sistemas sociais para os espaços da vida quotidiana e dos modos de vida? A análise do quotidiano encontra-se sujeita à inevitabilidade de uma microsociologia? Vida quotidiana e história são irreconciliáveis? Como endogeneizar as estruturas sociais no estudo dos comportamentos interindividuais? E de que modo as acções interindividuais, em determinadas condições, renegam essas estruturas? De que modo os mecanismos *prescritivos* das instituições sociais escondem a capacidade *performativa* do quotidiano? Como capturar o fugaz da realidade, a pluralidade infinita de detalhes da vida social que a sociologia tradicional renuncia em captar? Como recuperar para o «centro da página» do discurso sociológico as expressões culturais da vida quotidiana que têm ficado à margem dos discursos sociológicos dominantes? Como produzir conhecimento sociológico de realidades que, pela sua quotidianidade, nos são tão «familiares»?<sup>14</sup> E como transformar o «familiar» no «exótico»<sup>15</sup> que leva ao estranhamento dessa realidade aparentemente tão familiar mas, na verdade, tão enigmática?

Depois desta breve *introdução*, o livro estrutura-se em duas partes principais: numa discutem-se *as teorias e os métodos* que mais têm caracteri-

---

<sup>13</sup> Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1997, 6.ª ed., p. 25.

<sup>14</sup> Gilberto Velho, «Observando o Familiar», in Edson de Oliveira Nunes (org.), *A Aventura Sociológica. Objectividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1988, p. 41.

<sup>15</sup> Roberto da Mata, «O ofício de etnólogo, ou como ter 'anthropological blues'», in Edson de Oliveira Nunes (org.), *A Aventura Sociológica. Objectividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1988, pp. 23-35.

zado a sociologia da vida quotidiana; noutra apresentam-se *estudos de casos* que ilustram o tipo de problematizações que podem ocorrer quando se faz sociologia do quotidiano.

Assim, a parte I abre com um capítulo (*Nas rotas do quotidiano*) que faz emergir uma sociologia «retratista» do quotidiano, no sentido em que Simmel utilizava os seus *snapshots*. Exploram-se os caminhos de encruzilhada entre a rotina e a ruptura, nos quais se revela a construção do social através das rotas do quotidiano. Conclui-se que o trilhar sociológico das rotas do quotidiano não obedece a uma lógica de «demonstração», mas antes a uma lógica de «descoberta», na qual a realidade social se insinua, conjectura e indicia, através de uma percepção descontínua e saltitada de um olhar que a sociologia do quotidiano exercita no seu vadiar sociológico.

No capítulo 2 (*O sociólogo «ouriço» e os saberes «não alinhados» da sociologia*) sugere-se que a *sociologia da vida quotidiana* incorpora um movimento de novos saberes e sensibilidades, em ruptura com o positivismo «etnocêntrico» de algumas formas «canónicas» da sociologia tradicional que abrigam investigadores «ouriço» (como diz Moscovici), aprisionados aos seus credos doutrinários. A *lógica de descoberta* que caracteriza a *sociologia do quotidiano* afasta-se da lógica do «preestabelecido», que condena os percursos de pesquisa a uma viagem programada, guiada pela demonstração rígida de hipóteses de partida, a uma domesticação de itinerários que facultam ao pesquisador a possibilidade de apenas ver o que os seus quadros teóricos lhe permitem ver. Nesta *lógica de descoberta*, como veremos no capítulo 3 (*À descoberta dos enigmas do quotidiano*), o desafio consiste em enigmatizar o social, recorrendo à ironia, na certeza de que a obscuridade dos enigmas é potencialmente clarificadora, intrigantemente reveladora. Os exercícios de hermenêutica que resultam do jogo «claro-escuro» dos enigmas são debatidos a pretexto dos relatos «obscuros» da etnografia, mostrando-se que as tendências tropológicas da moderna etnografia incentivam uma valorização dos detalhes do quotidiano, uma estratégia de pesquisa que «vai por partes», fazendo da parte caso (*enigma*).

No capítulo 4 (*Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana*) apresenta-se um panorama crítico das principais correntes teóricas que têm influenciado a análise sociológica da vida quotidiana: designadamente o *formalismo*, o *interaccionismo simbólico*, o *marxismo* e a *fenomenologia*. A partir da caracterização crítica destas correntes, procura-se debater o *conceito*, o *objecto* e a *focalização* da sociologia da vida quotidiana, isolando-se e destacando-se as perspectivas teóricas básicas que poderão

constituir os seus principais pontos de referência. Abordando-se, por outro lado, os *espaços* e as *temporalidades* do quotidiano e, de um ponto de vista mais epistemológico, a relação entre *senso-comum* e *sociologia cognitiva*, faz-se uma crítica aos excessos estruturalistas e fenomenológicos na análise da vida quotidiana, rejeitando-se a sua submissão às perspectivas teóricas microsociológicas. Defende-se, em contrapartida, a necessidade de a sociologia da vida quotidiana explorar as relações dialécticas entre microanálise e macroanálise no estudo articulado de comportamentos e estruturas sociais.

No capítulo seguinte (*A contextualização sociológica pela via do quotidiano*) propõe-se um debate sobre uma necessária redefinição da noção de «contexto» – tantas vezes objecto de um «uso cómodo e preguiçoso» por parte das ciências sociais<sup>16</sup> – e discute-se a importância dos contextos vivenciais dos indivíduos para iluminar ou informar os contextos sociológicos (analíticos, interpretativos, explicativos) usados pelas teorias. Quando os primeiros não informam adequadamente os segundos, isto é, quando os deformam, o discurso sociológico corre riscos de se perder em mares convulsos de tempestuosas teorias completamente desenraizadas, ou seja, com a «terra» (isto é, a realidade) perdida de vista. Pela via do *quotidiano*, ou seja, entendendo o quotidiano como significante fluante do real-social, sugere-se que talvez a sociologia consiga articular duas perspectivas metodológicas nem sempre facilmente conjugáveis: ver a sociedade a nível dos indivíduos e ver como a sociedade se traduz na vida deles.

No capítulo 6 (*Cifrando e decifrando*) mostra-se que a vida quotidiana pode e deve ser apreendida, não tanto a partir de lógicas «cifradoras», que apelam para uma quantificação do social, mas, sobretudo, a partir de uma lógica *decifradora*, que é própria das metodologias qualitativas. Como decifrar o sentido das expressões e representações que fazem parte da vida quotidiana? Esta hermenêutica qualitativa do quotidiano é exemplificada no capítulo seguinte (*Fontes documentais em sociologia da vida quotidiana*), quando, ao reivindicar-se uma historicidade do quotidiano, se questiona o uso que a história faz de fontes literárias, orais ou audiovisuais. Quanto às *fontes literárias*, reconhece-se que podem objectivar o real através de múltiplas (re)construções ambientais. A própria transfiguração da realidade operada por tais fontes é uma tentativa de resposta

---

<sup>16</sup> Jacques Revel, «Microanálise e construção do social», in Jacques Revel (org.), *Jogos de Escalas. A Experiência da Microanálise*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 27.

àquele que talvez seja o menos solúvel dos problemas de interpretação que se colocam às ciências sociais: que sentido e, em consequência, que forma dar ao incessante transcorrer do tempo social e histórico? No que toca às fontes *orais* (e biográficas), considera-se que elas constituem um instrumento válido de avaliação de hipóteses anunciadas e documentadas de antemão, assim como de discussão de quadros analíticos construídos a partir de fontes escritas. Por outro lado, reconhece-se que o recurso às fontes orais permite a realização de uma história interpretativa a partir de uma matéria-prima (impressões, opiniões, sentimentos, crenças) que muito raramente se consegue extrair de outras fontes tradicionais. Tal recurso permite uma maior aproximação tanto àquelas facetas do quotidiano que se encontram mais ligadas aos pequenos incidentes da vida doméstica, ao modo de viver íntimo, etc., como à realidade daqueles grupos sociais situados à margem das esferas do poder (elites, dirigentes políticos, grupos de pressão, associações, etc.) em relação às quais é possível deitar mão a documentos escritos. Finalmente, no que respeita às fontes *áudio-visuais*, reflecte-se sobre o seu papel não apenas como fontes de informação, mas, principalmente, como fontes de estruturação do quotidiano.

Se na parte I do livro são feitas referências aos procedimentos metodológicos e paradigmas de conhecimento mais usados pela *sociologia da vida quotidiana* – quer pela primazia que outorgam à experiência subjectiva como matéria-prima do conhecimento sociológico, quer ainda pelo interesse em desvendar como as pessoas experimentam o mundo que compartilham e constroem em interacção –, na parte II do livro são apresentados três estudos de caso que exemplificam modos de fazer sociologia tomando o quotidiano como alavanca do conhecimento e o social como fonte de enigmas. No primeiro estudo de caso, retalhos de experiências quotidianas são usados na descoberta de lógicas sociais e simbólicas. Os dois outros estudos de caso dão espaço a uma reivindicada historicidade do quotidiano mediante a qual se vê que as experiências de vida são produtoras e reveladoras de certas representações sociais enraizadas na quotidianidade. É claro que, quando o quotidiano é projectado no passado, a sua herança histórica não se reduz à mera instauração de evidências factuais. É a partir das questões (enigmas) do presente que a historicidade do quotidiano mostra a sua relevância heurística.

Assim, no capítulo 8 desta parte II (*Reflexões de um sociólogo na solidão do quarto de um Meliá Confort*) relata-se a situação de um sociólogo frustrado (o autor deste livro) que, na solidão do quarto de um *Meliá Confort*, se debate com um *stress* de ansiedade provocado pela responsabili-

dade de ter de comentar, num colóquio académico, dois volumes de uma vultuosa obra. Desapontado com os apontamentos que alinhavara, decide refazer a comunicação, inspirando-se no *hic et nunc* do seu descontentamento. Levado por uma curiosidade espontânea, o nosso sociólogo parte das contingências e banalidades do quotidiano para chegar a um mundo de significações, através de mediações entre o particular e o global, o individual e o colectivo, o subjectivo e o objectivo. O mundo (*vivido*) que o rodeia parece desvendar-se, num espectro de culturas e de identidades, a partir do momento em que é sociologicamente problematizado (*concebido*). O sociólogo debate-se com o desafio de desvelar o social através das imediatidades do quotidiano. E isso depende dos questionamentos sociológicos que faz, capazes ou não de recapturarem o social na sua aparente facilidade que é dada pelos traços epidérmicos da quotidianidade.

O capítulo seguinte trata de um enigma que muito intrigou o autor destas linhas. Era então um jovem assistente universitário, recém-licenciado em Economia, e decidira fazer uma pós-graduação em Madrid. De vez em quando, ao fim de semana, tomava o comboio para Lisboa e visitava colegas e amigos que sempre se amofinavam: «Então, já arranjaste uma namorada espanhola? Toma cuidado porque – lá diz o ditado – *‘de Espanha, nem bom vento, nem bom casamento’*». Intrigado com o significado oculto do adágio, decidi explorar várias pistas de decifração que me levaram a consultar o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica e a investigar as possíveis raízes históricas do adágio. A pesquisa acaba por sugerir que os adágios, de uma forma muito subtil e frequentemente cavilosa, traduzem com grande força simbólica relações quotidianas que espelham um tempo histórico. De facto, uma possível chave interpretativa do adágio em questão aponta para a sua função integrativa, do ponto de vista de uma determinada moral sexual dominante entre os portugueses.

Finalmente, o último capítulo do livro aborda mais outro enigma – o das raízes do fado e da identidade luso-afro-brasileira. O enigma eclodiu na minha cabeça, como um grande ponto de interrogação, durante o III Congresso Luso-Afro-Brasileiro, realizado em Lisboa em 1994. Numa das noites do Congresso, alguns colegas brasileiros propuseram-me uma ida aos fados. E lá rumámos em direcção ao Bairro Alto, à Adega do Ribatejo, onde alguns fadistas espontâneos se abraçam ao fado, incluindo a cozinheira, quando o ritmo das fritaduras afrouxa. E aí me veio o espanto. Quando as guitarras começaram a gemer, vi alguns colegas brasileiros a trautear o fado, olhos semicerrados, gíngando a cabeça. Engoli em seco. Sabiam as letras dos fados mais conhecidos e, aparente-

mente, deixavam-se contagiar pela nostalgia dos temas cantados. É certo que no grupo havia descendentes de portugueses – o que poderia ajudar a compreender o seu encantamento fadista –, mas também os havia descendentes de italianos e até de árabes. Como quer que seja, o fado que o fado canta não é apenas um eco do passado; é uma ressonância de memórias do presente, do presente que ganha sentido ao repercutir-se no passado, numa sonoridade de saudades que as guitarras gemem. Por que razão se deixavam os colegas brasileiros tocar pelo fado? Foi então que, verdadeiramente, comecei a pensar no enigma do fado. E a interrogar-me: será que o fado é apenas bom para ouvir?

Como vemos, os três estudos de caso seleccionados dão-nos conta de uma sociologia orientada por uma lógica de descoberta, inquieta com a decifração de enigmas surgidos de uma curiosidade «ociosa»<sup>17</sup> ou «espontânea».<sup>18</sup> Todos os casos são fruto de situações do quotidiano que tiveram o condão de provocar um desconforto no sociólogo, levando-o da surpresa à problematização – e da estranheza à interpretação –, na tentativa de elucidar o *percebido* pelo *concebido*.<sup>19</sup> Dou-me por satisfeito se da mensagem deste livro resultar uma dúvida: vale mais ter chaves do nada ou uma fechadura sem chave, um enigma de abertura?

---

<sup>17</sup> O conceito de *curiosidade ociosa* é grato a Thorstein Veblen (v. Margarita Barañano, «Thorstein Veblen: un alegato en favor de la ciencia», in *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 1993, n.º 61, pp. 201-212).

<sup>18</sup> P. Freire, *Pedagogia da Autonomia...*, pp. 94-101.

<sup>19</sup> Souza Martins sugere-nos que a passagem da descrição do visível (*método descritivo* da «complexidade horizontal» da vida social) à análise da «complexidade vertical» da vida social (*método analítico-regressivo*) permite um retorno à superfície fenoménica da realidade social, elucidando o *percebido* pelo *concebido* teoricamente e definindo as condições de possibilidade do *vivido* (v. o interessante livro organizado por José de Souza Martins, *Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética*, São Paulo, Editora Hucitec, 1996, pp. 21-22). Estas ideias foram aprofundadas por Souza Martins num curso fascinante sobre «Sociologia da Vida Quotidiana», dado no ISCTE, em 1999, com o apoio do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Os ensinamentos de Lefebvre e de Souza Martins mostram-nos que ao negarmos aos nossos olhos a possibilidade de verem através das lentes da história confirmamos, inevitavelmente, a sua miopia.